



EMEF. DEZENOVE DE ABRIL

ATIVIDADE REFERENTE A SEMANA 27 - 15/09/2025 a 19/09/2025

COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA PORTUGUESA TURMA(S): ___91 e 92_____

PROFESSOR(A): KAREN MAZZAROTTO e LUCELIA MARIA SPINELLI

OBSERVAÇÕES: **O planejamento da aula poderá sofrer alterações conforme a necessidade do professor(a).**

ORIENTAÇÕES: DESENVOLVER AS ATIVIDADES COM ATENÇÃO.

Língua Portuguesa

PROFESSORAS:

KAREN MAZZAROTTO e LUCELIA SPINELLI



PRODUÇÃO TEXTUAL

▶ CONTO

Transcrevemos a seguir o início de três contos de escritores brasileiros. Escolha um deles e dê continuidade à narrativa no caderno. Se preferir, escreva um conto com um assunto diferente dos propostos.



Gustavo Ramos/
Arquivo da editora

Os ventos

O telefonema pegou-a de surpresa. Atendeu com impaciência, os olhos presos a um livro que tinha nas mãos, uma história policial que não conseguia parar de ler. Era bom estar sozinha, lendo um livro de suspense numa noite de ventania. O sábado já estava quase no fim e ela ali, presa àquelas páginas. O som do telefone era uma intromissão, um estorvo. Atendeu a contragosto.

SEIXAS, Heloisa. *Contos mínimos*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 43.

Esse barulho todo é o Nilo chegando. Jogou os livros e cadernos no sofá e gritou para a mãe que queria comer.

— Como se eu não soubesse — disse ela. — Mas primeiro, ó — apontou para os livros no sofá — e depois, ó: lavar as mãos.

— É para já — ele disse. Pegou os livros, levou-os para o quarto e voltou correndo. E enquanto enxugava as mãos se olhando no espelho da pia, gritou para a cozinha: — Mãe, tenho uma novidade.

VEIGA, José J. *Torvelinho dia e noite*. São Paulo: Difel, 1985. p. 11.

— Até que enfim chegou a minha vez, Camila.

Tatá reclamou com razão. Quase todo mundo já tinha respondido às perguntas do caderno da Camila. Ele esperou, esperou, esperou com paciência, com calma, com o canto dos olhos, com uma vontade doída de pegar aquele caderno espiral de capa enebada de tanto passar de mão. Às vezes ficava com uma ligeira impressão de que Camila sabia dessa sua ansiedade — e, pior, sabia do motivo da ansiedade — e por isso negava silenciosamente o direito de Tatá registrar suas respostas no caderno dela.

— Até que enfim...

GARCIA, Edson Gabriel. *Contos de amor novo*. 3. ed. São Paulo: Atual, 1999. p. 50.

Planejamento do texto

- Tenha em mente que seu conto será lido por colegas da sua turma e de outras, pais e responsáveis, familiares, amigos, professores e funcionários da escola, pois ele fará parte da revista literária que a turma montará em **Intervalo**.
- Antes de escrever, imagine como serão os personagens e suas características físicas e psicológicas.
- Pense também no conflito, ou seja, na situação problemática que os personagens viverão, e como ocorrerá sua superação.
- Planeje a organização dos fatos, estruturando o enredo em partes (introdução, complicação, clímax e desfecho) ou encontrando uma maneira de subverter essa estrutura. No caso de sua escolha ter recaído sobre um dos inícios sugeridos, a introdução já está feita.

Escrita

- Ao redigir, empregue uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua e/ou relacionada com o perfil do narrador e dos personagens.
- Descreva os personagens, destacando-lhes características físicas e/ou psicológicas importantes para a construção da narrativa.
- Cuide para que o enredo do texto esteja bem sinalizado e desenvolvido, com a presença da introdução, da complicação, do clímax e do desfecho.
- Mantenha atenção para que o conto permaneça curto, com poucas ações e tempo e espaço reduzidos.
- Dê um título ao conto.

Revisão e reescrita

Antes de fazer a versão final do conto, observe se:

- apresenta poucos personagens, poucas ações e tempo e espaço reduzidos, além de narrativa curta;
- apresenta um enredo estruturado em introdução, complicação, clímax e desfecho ou se subverte intencionalmente a estrutura;
- a linguagem empregada está de acordo com a norma-padrão e/ou com o perfil do narrador e dos personagens.

Produza então a versão final do conto.

O que é necessário para criar uma boa história?



Veja a reflexão que o escritor italiano Umberto Eco faz sobre o ato de narrar:

Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer.

ECO, Umberto. Pós-escrito. In: *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 21.

Todas as cartas de amor são ridículas

Todas as cartas de amor são

Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem

Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,

Como as outras,

Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,

Têm de ser

Ridículas.

Mas, afinal,

Só as criaturas que nunca escreveram

Cartas de amor

É que são

Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1965. p. 399-400.

A seguir, leia trecho de uma crônica de Rubem Alves, em que o cronista imagina uma relação entre o poema de Fernando Pessoa e essa pintura de Vermeer.



Cartas de amor

Leio e releio o poema de Álvaro de Campos. Oscilo. [...] foi ele mesmo quem disse [...] "Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas..."

Tenho no meu escritório a reprodução de uma das telas mais delicadas que conheço, *Mulher lendo uma carta*, de Johannes Vermeer (1632-1675). Uma mulher, de pé, lê uma carta. O seu rosto está iluminado

pela luz da janela. Seus olhos leem o que está escrito naquela folha de papel que suas mãos seguram, a boca ligeiramente entreaberta, quase num sorriso. De tão absorta, ela nem se dá conta da cadeira, ao seu lado. Lê de pé. Penso ser capaz de reconstituir os momentos que antecedem este que o pintor fixou. Pancadas na porta interromperam as rotinas domésticas que a ocupavam. Ela vai abrir e lá estava o carteiro, com uma carta na mão. Pela simples leitura do seu nome, no envelope, ela identifica o remetente. Ela toma a carta e, com este gesto, toca uma mão muito distante. Para isto se escrevem as cartas de amor. Não para dar notícias, não para contar nada, não para repetir as coisas por demais sabidas, mas para que mãos separadas se toquem, ao tocarem a mesma folha de papel.

Volto ao Álvaro de Campos. Será esta a razão do ridículo das cartas de amor – o descompasso entre o que elas dizem e aquilo que elas realmente querem fazer? Pois o propósito explícito de uma carta é dar notícias, e é por isto que elas são feitas de palavras. Mas o que elas realmente desejam realizar está sempre antes e depois da palavra escrita: elas querem realizar aquilo que a separação proíbe: o abraço. Quem quer que tente entender uma carta de amor pela análise da escritura estará sempre fora de lugar, pois o que ela contém é o que não está ali, o que está ausente. Qualquer carta de amor, não importa o que se encontre nela escrito, só fala do desejo, a dor da ausência, a nostalgia pelo reencontro.

Aquela carta fez tudo parar. A mulher fecha a porta e caminha pela casa sem nada ver, buscando uma coisa apenas, a luz, o lugar onde as palavras ficarão luminosas. Que lhe importa a cadeira? Esqueceu-se de que está grávida. Seus olhos caminham pelas palavras que saíram das mesmas mãos que a abraçaram. Seu corpo está suspenso naquele momento mágico de carinho impossível que aquele pequeno pedaço de papel abriu no tempo do seu cotidiano.

Uma carta de amor é um papel que liga duas solidões. A mulher está só. Se há outras pessoas na casa, ela as deixou. Bem pode ser que as coisas que estão nela escritas não sejam nenhum segredo, que possam ser contadas a todos. Mas, para que a carta seja de amor, ela tem de ser lida em solidão. [...] É este ato de leitura solitária que estabelece a cumplicidade. Pois foi da solidão que a carta nasceu. [...]

[...]

“Ainda bem que o telefone existe”, retrucarão os namorados modernos, que não mais têm de viver o amor no espaço das ausências. Engano. Um telefonema não é uma carta falada. Pois lhe falta o essencial: o silêncio da solidão, a calma da caneta pousada sobre a mesa que espera e escolhe pensamentos e palavras. O telefone põe a solidão a perder. Num telefonema a gente nunca diz aquilo que se diria numa carta. Por exemplo: “Eu ia andando pela rua quando, de repente, vi um ipê-rosa florido que me fez lembrar aquela vez...”. Ou: “Relendo os poemas de Neruda encontrei este que, imagino, você gostará de ler...”.

A diferença entre a carta e o telefone é simples. O telefone é impositivo. A conversa tem de acontecer naquele momento. Falta-lhe o ingrediente essencial da palavra que é dita sem esperar resposta. [...]

Mas a mulher tem nas mãos uma carta. A carta é um objeto. Se não tivesse podido recolher-se à sua solidão, ela poderia tê-la guardado no bolso, na deliciosa espera do momento oportuno. O telefonema não pode esperar. A carta é paciente. Guarda as suas palavras. E, depois de lida, poderá ser relida. Ou simplesmente acariciada. Uma carta contra o rosto – poderá haver coisa mais terna? Uma carta é mais que uma mensagem. Mesmo antes de ser lida, ainda dentro do envelope fechado, tem a qualidade de um sacramento: presença sensível de uma felicidade invisível...

[...]

Foi então que o quadro de Vermeer me fez ver a cena que as cartas escondem. [...] E que razões poderia ter uma pessoa para guardar cartas ridículas? O seu rosto absorto e os lábios entreabertos nos dão a resposta: para aqueles que amam as ridículas cartas de amor são sempre sublimes.

[...]

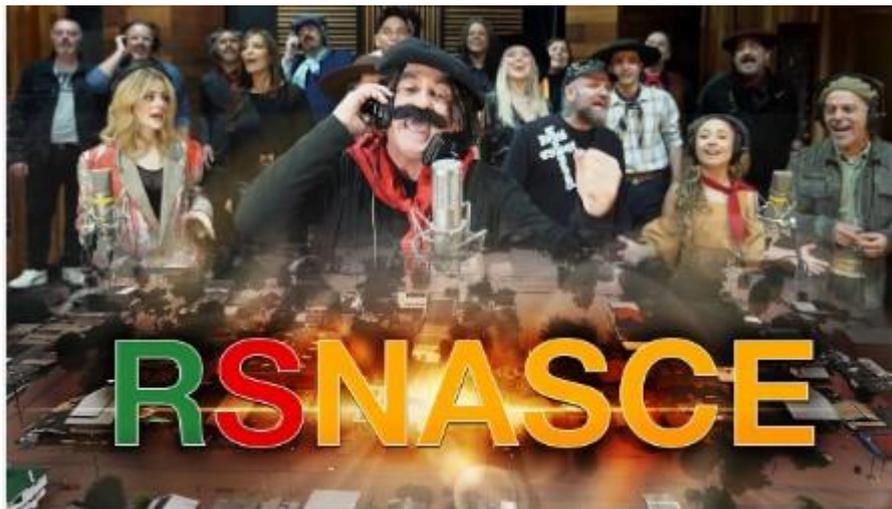
ALVES, Rubem. *As melhores crônicas de Rubem Alves*. São Paulo: Papirus, 2008. p. 21-26.

Desenvolvimento da atividade do livro didático - página 139.





<https://www.youtube.com/watch?v=1sVAp8aYN8U>



<https://www.youtube.com/watch?v=FUHDDPHRoxk>



Disponível
Disponível
[substantivas](#)

em: <https://wordwall.net/pt/resource/3705172/ora%C3%A7%C3%B5es-subordinadas>
em: <https://wordwall.net/pt/resource/15662464/ora%C3%A7%C3%B5es-subordinadas->

Disponível
[substantivas](#)

em: <https://wordwall.net/pt/resource/3938737/ora%C3%A7%C3%B5es-subordinadas->

Leia mais >>

<https://www.efuturo.com.br/materialbibliotecaonline/3532S-Bernardo.pdf>

